

FACULDADE DE ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

MARIA LUIZA MENDONÇA DE CARVALHO BASTOS

PERENE:
UMA NARRATIVA VISUAL FOTOGRÁFICA DA OFÉLIA DE
SHAKESPEARE

Goiânia - GO

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **MARIA LUIZA MENDONÇA DE CARVALHO BASTOS**

Título do trabalho: **PERENE: UMA NARRATIVA VISUAL FOTOGRÁFICA DA OFÉLIA DE SHAKESPEARE**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior, em 22/02/2023, às 22:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Maria Luiza Mendonça De Carvalho Bastos, Discente, em 26/02/2023, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3541172 e o código CRC A9D08450.

MARIA LUIZA MENDONÇA DE CARVALHO BASTOS

PERENE:

**UMA NARRATIVA VISUAL FOTOGRÁFICA DA OFÉLIA
DE SHAKESPEARE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora
do curso Artes Visuais Bacharelado,
da Faculdade de Artes Visuais,
Universidade Federal de Goiás,
como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Artes Visuais.

Orientadora: Prof^{ra}. Dr^a. Rosa Maria
Berardo

Goiânia – GO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bastos, Maria Luiza Mendonça de Carvalho
Perene [manuscrito] : uma narrativa visual fotográfica da Ofélia de Shakespeare / Maria Luiza Mendonça de Carvalho Bastos. - 2023.
85 f.

Orientador: Profa. Dra. Rosa Maria Berardo .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Belo. 2. natureza. 3. Ofélia. 4. Shakespeare. 5. fotografia. I. Berardo , Rosa Maria , orient. II. Título.

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 13 do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“PERENE: UMA NARRATIVA VISUAL FOTOGRÁFICA DA OFÉLIA DE SHAKESPEARE”**, de autoria de **Maria Luiza Mendonça de Carvalho Bastos**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Rosa Maria Berardo - orientadora FAV/UFG e dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 -Profa. Dra. Patrícia Bueno Godoy, FAV/UFG; membro 2 - Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza, FAV/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 9,5**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Patricia Bueno Godoy, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_ace_sso_externo=0, informando o código verificador **3556733** e o código CRC **141BE4AA**.

Para minha avó, Ofélia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer meus pais, que nunca deixaram de apoiar meu lado artístico, sempre afirmando que eu poderia me tornar o que quisesse ser quando crescer, independente da escolha. Um agradecimento especial à minha mãe, por todas as horas que ela passou sentada me esperando nas aulas das mais variadas coisas que já quis me tornar.

Por todas as vezes que eu pensei em desistir e você três me apoiaram, Frontana, Sam e Cecilia, obrigada. E é claro, um agradecimento especial à Cecilia, por toda a ajuda nos bastidores das fotos.

Obrigada aos meus professores: da faculdade, que sempre me apoiaram e me fizeram realmente crescer como artista e todos os outros que eu encontrei pela vida e me fizeram me apaixonar pelas artes, literatura e me fizeram crescer como pessoa. Agradeço minha banca: Patrícia Bueno Godoy e Paulo Henrique Duarte Feitoza por acreditarem neste projeto e à Rosa Maria Berardo que me acolheu quando eu pensei que ninguém iria. Adriana Mendonça e Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues por terem ministrado as matérias de Trabalho de Conclusão de Curso com tanto carinho e atenção. Odinaldo da Costa Silva por ter me feito abrir os olhos de como a fotografia pode

ser muito mais do que eu imaginava.

Agradeço todos meus amigos da faculdade e fora dela por terem tornado os últimos quatro anos uma experiência única e inesquecível na minha vida, cada risada, conversa e abraço serão lembrados. Obrigada aos meus familiares que nunca me julgaram por escolher as artes mesmo tendo a capacidade e o privilégio de estudar o que quisesse, em especial à minha Tia Michelle, uma das poucas pessoas que sempre irá me entender mesmo durante os nossos piores momentos, seu apoio foi essencial nesta fase final do meu curso.

A todos os profissionais da saúde mental que me ajudaram durante esses últimos anos, um enorme agradecimento, eu realmente não teria chegado aqui sem a ajuda de nenhum de vocês.

“Duvide que a estrela é ardente,
Duvide que o sol levanta,
Duvide que o sincero mente,
Mas não que meu amor é franco.”

SHAKESPEARE

RESUMO

Esta pesquisa faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso em formato de livro, com elementos textuais lembrando livros e peças de teatro, juntamente com a produção de uma série de fotografias intitulada “Perene”. O objetivo final é a análise das fotos e suas relações com a personagem Ofélia de *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* de William Shakespeare, passando por obras de arte de variadas formas. A possibilidade da retomada do belo na academia de Artes Visuais contemporânea se faz presente na estética do trabalho e é analisada com uma visão feminina no sentido original das palavras, mas respeitando o olhar feminista. Enquanto mulher, Ofélia é uma personagem bastante problemática, enquanto existe apenas exclusivamente para a narrativa dos homens de sua vida: seu pai Polonius, o príncipe Hamlet e seu irmão Laertes, mas inegável seu poder e presença nas artes visuais. Assim, enxerga-se neste texto uma reconstrução da personagem por olhos femininos sem negar suas principais características e discussões que rodam sua representação: loucura, beleza, sensualidade, delicadeza, sexualidade, morte e sua ligação com a natureza em sua representação.

Palavras-chave: belo; natureza; Ofélia; Shakespeare; Hamlet; fotografia.

ABSTRACT

This research is part of a Course Completion Work in book format, with textual elements reminiscent of books and theater plays, together with the production of a series of photographs entitled “Perennial”. The final objective is the analysis of the photos and their relationship with the character Ophelia from the book *The tragedy of Hamlet, Prince of Denmark* by William Shakespeare, through works of art in different ways. The possibility of resuming beauty in the academy of contemporary Visual Arts is present in the aesthetics of the work and is accompanied by a feminine vision in the original sense of the words, but respecting the feminist perspective. As a woman, Ophelia is a very problematic character, as she exists solely for the narrative of the men in her life: her father Polonius, Prince Hamlet and her brother Laertes, but it is undeniable her power and presence in the visual arts. Thus, one can see in this text a representation of the character through female eyes without denying her main characteristics and discussions that surround her representation: madness, beauty, sensuality, delicacy, sexuality, death and her connection with nature in her representation.

Keywords: beauty; nature; Ophelia; Shakespeare; Hamlet; photography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Maria Luiza Mendonça. <i>Sem Título</i> , 2019.....	17
FIGURA 2. Maria Luiza Mendonça. <i>Sem Título</i> , 2019.....	18
FIGURA 3. John Everett Millais, <i>Ophelia</i> , 1851-1852.....	24
FIGURA 4. Henrietta Rae, <i>Ophelia</i> , 1890.....	25
FIGURA 5. Arthur Hugues, <i>Ophelia</i> , 1852.....	25
FIGURA 6. Arthur Hughes, <i>Ophelia</i> (“ <i>And will he not come again?</i> ”) (<i>second version</i>), 1863-1871.....	26
FIGURA 7. Paul Albert Steck, <i>Ophelia</i> , 1894.....	27
FIGURA 8. George Lucas, <i>Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith</i> , 2005.....	29
FIGURA 9. Lars Von Trier. <i>Melancholia</i> , 2011.....	30
FIGURA 10. Claire McCarthy. <i>Ophelia</i> , 2018.....	30
FIGURA 11. Emma Tempest, <i>Sem Título</i> . 2019.....	32
FIGURA 12. Emma Tempest, <i>Sem Título</i> . 2020.....	33
FIGURA 13. Emma Tempest, <i>Sem Título</i> . 2018.....	34
FIGURA 14. Viet Ha Tran, <i>Take me to your dreams Ophelia III</i> , 2020.....	34
FIGURA 15. Mira Nedyalkova, <i>Sem Título</i> . Data não especificada.	35
FIGURA 16. Dorota Górecka. <i>Ophelia</i> . 2017.....	35
FIGURA 17. Dorota Górecka. <i>red dress</i> . 2018.....	36

FIGURA 18. Mira Mirabilia, <i>Cemetery of forgotten ships</i> , 2016....	37
FIGURA 19. Fotografia não identificado, <i>Maude Fealy in "Hamlet"</i> , data aproximada: antes de 1905 (<i>postcard</i> publicado em 1907).....	38
FIGURA 20. Maria Luiza Mendonça. Foto da página 159 do livro <i>A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca</i> , 2022.....	43
FIGURA 21. Maria Luiza Mendonça. Foto da página 256 do livro <i>A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca</i> , 2022.....	44
FIGURA 22. . Maria Luiza Mendonça. Foto de página de caderno de anotações pessoais, 2022.....	46
FIGURA 23. Maria Luiza Mendonça. <i>Are you honest? ... Are you fair? ...</i> , 2022.....	51
FIGURA 24. Maria Luiza Mendonça. <i>Springes to catch woodcocks</i> , 2022.....	53
FIGURA 25. Maria Luiza Mendonça. <i>Remember me</i> , 2022.....	54
FIGURA 26. Maria Luiza Mendonça. <i>To die, to sleep - To sleep, perchance to dream</i> , 2022.....	55
FIGURA 27. Maria Luiza Mendonça. <i>Where all the poets went to die</i> , 2022.....	58
FIGURA 28. Maria Luiza Mendonça. <i>The rest, is silence</i> , 2022.....	59
FIGURA 29. Maria Luiza Mendonça. <i>Every time you call me crazy I get more crazy. What about that?</i> , 2022.....	61
FIGURA 30. Maria Luiza Mendonça. <i>What a shame she went mad</i> , 2022.....	62

FIGURA 31. Maria Luiza Mendonça. <i>As one incapable of her own distress, or like a creature native and indued</i> , 2022.....	63
FIGURA 32. Maria Luiza Mendonça. <i>Forward, not permanent, sweet, not lasting</i> , 2022.....	64
FIGURA 33. Maria Luiza Mendonça. <i>You've been on my mind (since the flood)</i> , 2022.....	65
FIGURA 34. Maria Luiza Mendonça. <i>Nymph, in thy orisons. Be all my sins remembered</i> , 2022.	68
FIGURA 35. Maria Luiza Mendonça. <i>Heaven help a fool who falls in love</i> , 2022.	69
FIGURA 36. Maria Luiza Mendonça. <i>I don't belong, and my beloved, neither do you</i> , 2022.....	71
FIGURA 37. Maria Luiza Mendonça. <i>Get thee to a nunnery: why wouldst thou be a breeder of sinners</i> , 2022.....	72
FIGURA 38. Maria Luiza Mendonça. <i>With my calamitous love and insurmountable grief</i> , 2022.....	73
FIGURA 39. Maria Luiza Mendonça. <i>One may smile, and smile, and be a villain</i> , 2022.....	76
FIGURA 40. Maria Luiza Mendonça. <i>Though this be madness, yet there is method in't</i> , 2022.....	77
FIGURA 41. Maria Luiza Mendonça. <i>To be or not to be that is the question</i> , 2022.....	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. ATO I.....	20
3. ATO II.....	23
4. ATO III.....	39
5. ATO IV.....	42
6. ATO V.....	49
6.1. CENA I.....	49
6.2. CENA II.....	56
6.3. CENA III.....	66
6.4. CENA IV.....	74
7. CONCLUSÃO.....	79
8. REFERÊNCIAS.....	80

Introdução



Entendendo a necessidade de uma boa versão da tradução quando se trata do trabalho com uma peça em outra língua, e, embora seja bilíngue, fiz a escolha de utilizar *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* de William Shakespeare na versão de texto e tradução de Lawrence Flores Pereira. O mesmo apresenta uma profunda pesquisa, trabalho, atenção e adequação para o entendimento do leitor, se ressaltando como a melhor escolha depois de uma pesquisa que fiz lendo várias resenhas das versões publicadas do texto. O tradutor é pesquisador na Universidade de Massachusetts, Amherst, organizador e publicador de uma série de livros dos séculos XVI e XVII, além de inúmeras traduções poéticas. Na tradução escolhida para abordagem deste trabalho, Pereira se preocupou em preservar a originalidade mais próxima o possível por meio de uma profunda pesquisa, além de inúmeras notas sobre as escolhas e significados de palavras e termos que foram de extrema importância para meu entendimento da obra como um todo e em cenas e frases específicas.

O tema apresentado neste Trabalho de Conclusão de Curso

surge de um ensaio denominado “Ofélias” feito na disciplina de “Fotografia” ministrada pelo professor Odinaldo da Costa Silva durante o meu primeiro semestre no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, em 2019. Nele trabalhei uma estética centrada na personagem Ofélia da peça de William Shakespeare, *Hamlet*. Para produzir esse ensaio a modelo foi posicionada em uma caixa d’água cheia de água, forrada por panos brancos e cercada de flores reais retiradas do meu próprio quintal (Figuras 1 e 2). Foi uma das minhas primeiras experiências trabalhando, fotografando e dirigindo uma modelo na vida, já que passei a vida fotografando outro estilo de ideia, como explico no Ato 1 deste texto.

Em 2022, produzi especialmente para o Trabalho de Conclusão de Curso uma série fotográfica centrada novamente em Ofélia, indo mais profundamente nas questões ligadas à sua melancolia, ligação com a natureza – plantas e água em principal –, passando por discussões sobre beleza e delicadeza de sua personagem. Construí uma narrativa fotográfica usando o autorretrato, onde me coloco como Ofélia, me tornando assim, artista fotógrafa que está produzindo e servindo-se de própria modelo fazendo minha interpretação de como a temática me percorre como ser humano, ato que começa a ser comum em minhas produções artísticas quando a pandemia do corona vírus me obriga a trabalhar com o que tenho disponível em minha casa.



Figura 1. Maria Luiza Mendonça. *Sem Título*, 2019. Fotografia. (Ofélias) Arquivo pessoal.



Figura 2. Maria Luiza Mendonça. *Sem Título*, 2019. Fotografia. (Ofélias) Arquivo pessoal.

Percebi que a crítica literária vê, enquanto mulher, Ofélia como uma personagem bastante problemática, já que a mesma existe como pessoa quase que exclusivamente para os homens de sua vida: seu pai Polonius, o príncipe Hamlet e seu irmão Laertes. Pretendi assim, enxergar uma reconstrução da personagem por olhos femininos sem negar suas principais características e as discussões que rodeiam sua representação: loucura, beleza, sensualidade, delicadeza, sensualidade, morte e sua ligação com a natureza em sua representação. Mas sua construção como personagem é completa, seu caminho muito bem estruturado: sua obediência e amor, a relação com os outros personagens e então seu surto de loucura com sua trágica morte.

Perene significa algo duradouro e que não acaba (Bueno, 2007), as plantas perenes apresentam um ciclo de vida longo, resistentes mesmo sob condições não favoráveis e possuem flores e folhas geralmente mais bonitas, coloridas, alegres e viçosas que as demais, mas que mesmo assim, podem morrer. Assim como as plantas perenes, Ofélia é uma personagem cheia de vida, mas que acaba morrendo no final da história.

Ato I



arte me atravessa desde pequena. Passando por transformações à medida que vou crescendo, meus principais interesses foram mudando com as fases da minha vida: na infância a moda, na adolescência o teatro e a música e por fim, no início da fase adulta, as artes visuais. Entrei no curso de artes visuais como uma escolha de “último minuto”. Nunca pensei na minha vida estudar, cursar e viver das artes visuais, mas em meados de 2017 vi meus planos de seguir carreira no ramo de atriz serem destruídos pela depressão e ansiedade, e de repente me vi perdida e sem vontade de fazer tudo o que sempre amei fazer. Então, durante aqueles meses vi na arte um refúgio para tudo aquilo que estava me sentindo e vivenciando, começando a ter aulas de desenho e pintura, algo que eu fazia por diversão na infância. A arte me ajudou a salvar minha vida, então eu pensei: e se eu fizesse disso minha vida?

Sempre como coadjuvante, nunca como interesse principal na minha vida, mas sempre presente, encontrei durante o curso a fotografia como minha melhor e favorita forma de me chamar artista. Algo que estive ali desde o início foi a vontade incansável de pegar uma câmera e fotografar tudo ao meu redor. Franz Kafa diz “nós

fotografamos as coisas para retirar-las da nossa mente. Minhas histórias são uma forma de fechar meus olhos.” A fotografia se tornou assim um caminho que encontrei de mostrar através do meu olhar o que estava querendo representar e transmitir. Embora meu encantamento tenha crescido e se solidificado encontrei muitos obstáculos, o maior sendo como trabalhar com a estética que me atravessava tanto e que nunca saía de vista, a beleza. Qual seria o grande desafio e o grande problema em trabalhar com o belo na arte contemporânea? Como eu sustentaria a importância do meu trabalho no campo da fotografia e das artes se à primeira vista tudo que chamava atenção era o fato do trabalho ser tão bonito? O que movia minha vontade imensa de produzir arte que era bela? Resolvi discutir brevemente o assunto no Ato III.

A Ofélia surge como uma ideia estética, e o tema com uma frase “Seu trabalho será esteticamente baseado na Ofélia de Hamlet?” Perguntada durante a matéria de fotografia na faculdade, logo no primeiro período. Em um mergulho na pesquisa e o súbito interesse em saber mais sobre a inspiração de todas as fotos de mulheres deitadas em meio às águas e as flores, um nome me chamava atenção: Ofélia.

Durante toda minha vida, as mulheres sempre foram minhas maiores fontes de inspiração como pessoa, minha mãe e minha avó sendo as grandes batalhadoras e forças viscerais do meu próprio ser.

Seria impossível falar o nome Ofélia sem pensar na senhora de cabelos brancos cuja pele enrugada e o cheirinho único de conforto foram marcadas na minha memória para sempre? A resposta foi: não. Foi nesse momento que eu me emocionei em lembrar de minha avó que resolvi com toda certeza que gostaria de desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre Ofélia de Shakespeare.

A cada momento que eu passei pesquisando a personagem me deparei com análises, sites e obras impressionantes da personagem. Percebi que a Ofélia era muito mais do que eu pensava, Margaret Atwood examina na sua conferência “*Ophelia has a lot to answer for*” a forma como pensamos sobre a loucura em base nas representações artísticas que vemos sobre o assunto, também falando sobre como Ofélia finalmente tem a sua liberdade quando enlouquece, se desentrelaçando de suas características anteriores.

Ato II



o meu trabalho é de grande importância o material referencial. Minha mente e inspiração vêm da observação e criação por meio de imagens e leituras. Em dados levantados pelo Prof. PhD. Harry Rusche da Universidade de Emory de Atlanta, com pesquisas direcionadas ao site de tema Shakesperianos: *Shakespeare & The Players*, é possível afirmar que Ofélia é a personagem do dramaturgo mais representada nas artes visuais. Vieira diz: “Se Hamlet é quem mais manipula a atenção da crítica com suas intrigantes questões existenciais, podemos afirmar que Ofélia é a grande protagonista nas artes plásticas.” (2010, p. 81)

Durante minha pesquisa me deparei com inúmeras pinturas de Ofélia, seria impossível citar todas as que encontrei, mas posso citar as obras que me cativaram e chamaram atenção de forma que fizeram parte do meu referencial artístico para este trabalho em específico. John Everett Millais (Figura 3), Henrietta Rae (Figura 4), Arthur Hughes (Figuras 5 e 6) e Paul Albert Steck (Figura 7), que em sua maioria trabalham duas cenas importantes e climáticas da peça Hamlet: o ato IV, cena V (a cena da entrega das flores e o surto de loucura de Ofélia) e a cena do afogamento e também de sua morte,

que embora não esteja diretamente descrita na peça, apenas recitada pela mãe de Hamlet, é a mais importante para essa série fotográfica.

“OFÉLIA: Tome o alecrim, é para a lembrança - por favor, amor, lembre - e aqui o amor-perfeito, para os pensamentos. [...] O funcho é pra você e as aquileias. A arruda é pra você e essa aqui é pra mim. Vou chamá-la de erva da graça dos domingos. Oh, o senhor tem que usar a arruda de outro jeito. Aqui está uma margarida. Gostaria tanto de lhe dar violetas, mas murcharam todas quando meu pai morreu. Dizem que teve um bom fim. *(canta)* Encanta-me o canto do canoto pintarroxo.” (SHAKESPEARE, 2015, p. 159)

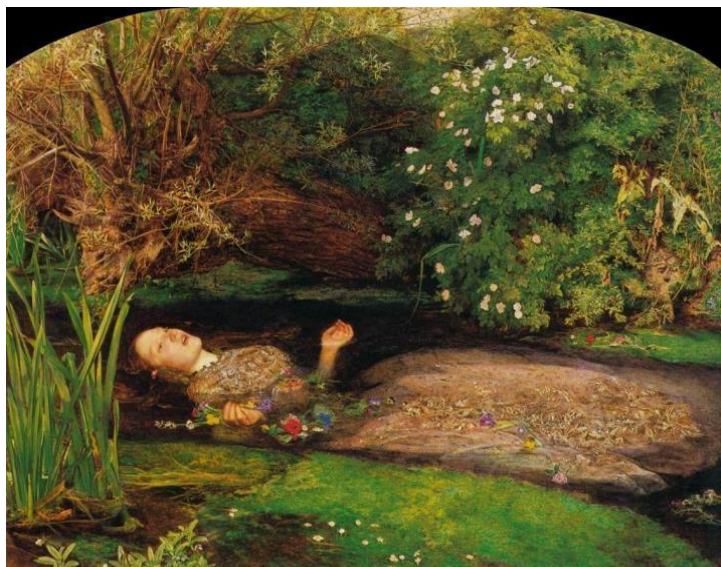


Figura 3. John Everett Millais, *Ophelia*, 1851-1852. Óleo sobre tela, 76,2 x 111,8 cm, Tate Britain, Londres. Fonte: <https://www.tate.org.uk/tate-etc/issue-29-autumn-2013/john-everett-millaiss-ophelia>



Figura 4. Henrietta Rae, *Ophelia*, 1890. Óleo sobre tela, 171,5 x 230,5 cm, Walker Art Gallery, Liverpool, Inglaterra. Fonte:

<https://artsandculture.google.com/asset/ophelia/mQH7HDdPEXGiWQ?hl=pt- BR>



Figura 5. Arthur Hughes, *Ophelia*, 1852. Óleo sobre tela com topo arqueado, 69 x 124 cm, Manchester City Art Galleries, Manchester, Inglaterra. Fonte:

<https://victorianweb.org/painting/hughes/paintings/6.htm>



Figura 6. Arthur Hughes, *Ophelia* (“*And will he not come again?*”) (*second version*), 1863-1871. Óleo sobre tela, 94,5 x 59,5 cm, Toledo Museum of Art, Toledo. Fonte: <https://www.toledomuseum.org/about/news/art-minute-arthur-hughes-ophelia-%E2%80%9Cand-he-will-not-come-back-again%E2%80%9C>



Figura 7. Paul Albert Steck, *Ophelia*, 1894. Dimensões e técnicas não conhecidas, Petit Palais, Paris. Fonte: <https://eclecticlight.co/2019/08/03/is-there-a-willow-paintings-of-ophelia-to-1889/>

Relevantemente, também possuo referências que não são abertamente sobre a personagem Ofélia, mas cuja representações de outras me lembram ou são inspiradas nela, como a cena da morte da personagem Padme no filme de George Lucas, *Star Wars: Episódio II– A Vingança dos Sith* (Figura 8), que mostra como a estética de Ofélia atravessou a arte durante todos esses anos para a cultura pop. O filme *Melancholia* de Lars Von Trier (Figura 9) onde não só conseguimos ver uma visualidade da personagem, mas como também é possível observar relações entre a história da protagonista do filme e Ofélia. Já em adaptações cinematográficas da peça, a que mais me atravessa é a de Claire McCarthy, *Ophelia* (Figura 10), onde podemos ver a história da peça de Shakespeare pelo lado da própria Ofélia.

“RAINHA: Por sobre uma nascente há um salgueiro inclinado que espelha as folhas gris no líquido cristal. Ali fez fantásticas guirlandas, de urtigas, margaridas, ranúnculos e orquídeas púrpuras, a que os ímpios zagais dão um nome vulgar, e as castas virgens chamam de dedos-de-defunto. Quando subiu nos galhos ensos para atar as suas guirlandas, ciumento, um ramo cedeu, e então tombaram ela e seus troféus floridos no plangente riacho. Suas roupas se abriram, e, como uma sereia, boiou por alguns instantes. E aí entoou refrões de antigas cantorias como alguém insensível à própria agonia ou como um ente nato e de todo integrado à água que escorria. Porém, não demorou e suas vestes, pesando da água que

bebiam, arrastaram a infeliz de suas doces cantigas para os lodos da morte. [...] Afogada, afogada!” (SHAKESPEARE, 2015, p. 168-169)



Figura 8. George Lucas, *Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith*, 2005, 140 minutos. Filme de longa metragem, Estados Unidos. Fonte: <https://marinafranconeti.com/2016/04/21/hamlet-a-representacao-de-ofelia-na-arte-e-na-cultura-pop/>



Figura 9. Lars Von Trier. *Melancholia*, 2011, 136 minutos. Filme de longa metragem, Dinamarca, Suécia, França, Alemanha. Fonte: <https://marinafranconeti.com/2016/04/21/hamlet-a-representacao-de-ofelia-na-arte-e-na-cultura-pop/>



Figura 10. Claire McCarthy. *Ophelia*, 2018, 114 min. Filme de longa metragem, Estados Unidos. Fonte: <https://www.cinemaasweknowit.com/reviews/ophelia>

Entre minhas referências fotográficas estão as fotografias de Emma Tempest, principalmente seus ensaios fotográficos de moda: *Entre Luces Y Sombras* (Figura 11), *In My Dreams* (Figura 12) e *Elari's Wake* (Figura 13). Cito ainda a fotografia de Viet Ha Tran (Figura 14) e alguns dos trabalhos da fotógrafa Mira Mirabilia (Figura 15). Mais importante do que a estética e lembrança da cena da morte de Ofélia nesses trabalhos são, como exemplo no trabalho de Mira Nedyalkova (Figura 18) e em especial no trabalho de Dorota Górecka (Figuras 16 e 17), a aura melancólica e obscura em meio aos elementos naturais como as plantas e água. Ainda cito os *postcards* disponíveis no site *Shakespeare and The Players*, que são fotografias de atrizes em montagens antigas da peça, como mostro na Figura 19.



Figura 11. Emma Tempest, *Sem Título*. Vogue Spain, out. 2019. (Entre Luces Y Sombras). Fonte: <https://www.fashionotography.com/carolina-burgin-by-emma-tempest-for-vogue-spain-october-2019/>

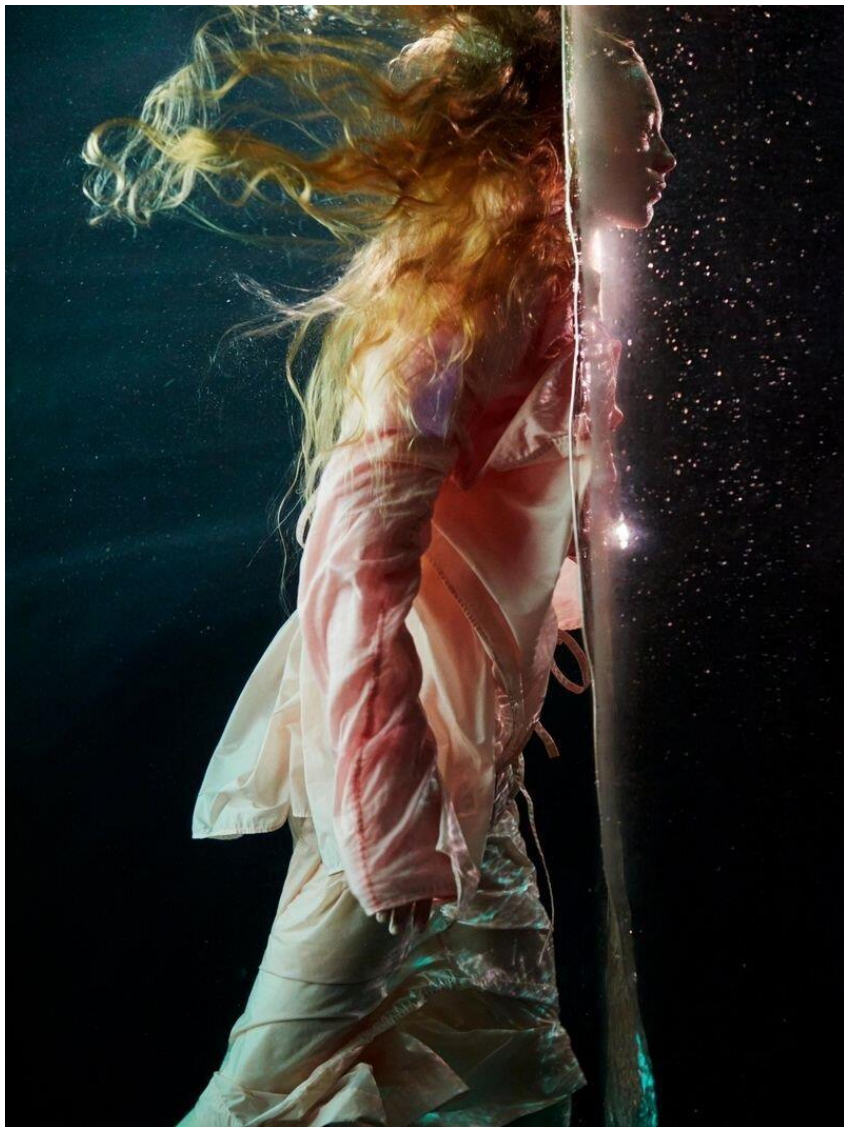


Figura 12. Emma Tempest, *Sem Título*. PussPuss Magazine, mai. 2020. (In My Dreams). Fonte: <https://anneofcarversville.com/fashion/tag/Emma+Tempest>



Figura 13. Emma Tempest, *Sem Título*. Vogue Italia, dez. 2018. (Elari's Wake)
Fonte: <http://fashioncow.com/2019/01/vivien-solari-elaris-wake-emma-tempest-vogue-italia-december-2018/>



Figura 14. Viet Ha Tran, *Take me to your dreams Ophelia III*, 2020. Fotografia.
Fonte: <https://marinafranconeti.com/2016/04/21/hamlet-a-representacao-de-ofelia-na-arte-e-na-cultura-pop/>



Figura 15. Mira Nedyalkova, *Sem Título*. Data não especificada. Fotografia. (Underwater) Fonte: <https://designcollector.xyz/likes/dark-underwater-photography-by-mira-nedyalkova>



Figura 16. Dorota Górecka. *Ophelia*. 2017. Fotografia. Fonte: <https://500px.com/p/dorotagorecka?view=photos>



Figura 17. Dorota Górecka. *red dress*. 2018. Fotografia. Fonte:

<https://500px.com/p/dorotagorecka?view=photos>

Como referências de músicas, tenho as que fizeram parte da escolha dos títulos das fotografias e também músicas que me ajudaram durante o processo criativo e de inspiração. Em especial à trilha sonora do filme *Ophelia* (Figura 13), de Claire McCarthy, composta por Steven Price e o álbum *Folklore*, da cantora Taylor Swift, em destaque as músicas *mad woman* e *the lakes*. Também cito a música *Ophelia*, da banda The Lumineers. Todas tiveram grande importância durante minha produção, tanto como referência tanto como algo que eu escutava para “entrar no clima” do meu objetivo.



Figura 18. Mira Mirabilia, *Cemetery of forgotten ships*, 2016. Fotografia. Fonte: <https://www.deviantart.com/miranedeyalkova/art/Cemetery-of-forgotten-ships-653690621>



Figura 19. Fotografia não identificado, *Maude Fealy* in “*Hamlet*”, data aproximada: antes de 1905 (*postcard* publicado em 1907). *Postcard/fotografia*.

Fonte: <https://shakespeare.emory.edu/ophelia/>

Ato III



Como já citado anteriormente, um obstáculo que encontrei durante todo o curso com alguns professores e colegas de classe foi como a minha arte se referenciava muito na beleza ideal de movimentos artísticos passados, e meu fazer artístico não passava de “arte pela arte”. Eu estava fazendo arte da maneira que sempre fiz, mas de algum jeito aquilo era errado, me ligar à beleza das pessoas, natureza e principalmente dar tanta atenção para a técnica não seria suficiente para que minha arte fosse validada. Embora eu tivesse tentado e experimentado modificar meu trabalho durante as aulas, eu sentia falta do que me salvou um dia, a simples plenitude de estar fazendo algo que eu amava e transmitia tudo que eu queria falar e não conseguia.

“A especificidade da teoria da beleza de Platão é que a atitude em relação a beleza não é passiva e consumista, mas ativa e generativa. Diante da beleza, a alma é impelida a criar algo belo em si. Ao contemplar a beleza, Eros desperta uma capacidade procriadora na alma. [...] Através da beleza, Eros tem acesso ao que é imortal.” (HAN, 2018, p. 74, tradução nossa)

Busquei assim, caminhos para comprovar e pesquisar o que

era feito com o belo na arte contemporânea. Como explicar aquela vontade imensurável que sentia de tirar uma foto tão bem resolvida tecnicamente, ou porque eu gostava de pintar e desenhar paisagens e pessoas “bonitas”; me deparo com duas recomendações de leitura do Professor Doutor Paulo Henrique Duarte Feitoza: *A salvação do Belo*, do autor Byung-Chul Han e a Teoria Estética de Theodor W. Adorno, que o primeiro autor cita muitas vezes em seu texto. Foquei durante minha pesquisa no texto *A salvação do Belo*.

Han trabalha em seu livro as características do belo na sociedade atual, passando principalmente pela análise do poder que as redes e a ideia de *likes*, criando uma crítica social. Ele inicialmente fala como nossa época é muito ligada à uma estética de caráter artificial, a necessidade de modificar tudo para torna-se bonito.

“A beleza natural e a beleza artística não se opõem. Em vez disso, ‘a arte imita a beleza natural como tal’ – ‘o que é indizível na linguagem da natureza’. Ao fazer isso, ele a salva. A beleza artística é ‘a imagem posterior do silêncio que é o único meio através do qual a natureza fala’.” (HAN, 2018, p. 28, grifos do autor, tradução nossa)

Mas seria quase impossível fugir totalmente das pressões estéticas da mídia e da necessidade capitalista de seguir o *liso* de Han – uma necessidade criada na atualidade. Nossa sociedade é movida pelas redes sociais e suas criações, resta a nós sabermos lidar com isso

e equilibrar com nossas próprias crenças como pessoas.

Ao se aproximar do encerramento do livro, o autor discute uma necessidade de o belo estar acompanhado com uma reflexão contemplativa, pois:

“A própria beleza na verdade nos convida a ficar; é a vontade que se interpõe no caminho da demora contemplativa. Mas ao ver a beleza, a vontade recua. [...] É diante do belo que a visão chega. Ela não mais se afugenta, se arrasta. Esse princípio é essencial para o belo.” (HAN, 2019, p. 66, tradução nossa).

Desta maneira, no último capítulo do livro, Byung-Chul Han fala que ao acompanhar nossos pensamentos em relação ao mundo, ao fazer nossas comunicações com *o outro*, é necessário realmente entender que as coisas e os sentidos atravessam o tempo, para ele, “a beleza ocorre onde as coisas se voltam umas para as outras e se relacionam umas com as outras. Ela narra.” (2018, p.71, tradução nossa). Ele ainda afirma que a beleza é racional e não surge de imediato, exige contemplação, composta por camadas profundas e se forma na junção de um encontro renova e um reconhecimento.

Ato IV



as fotografias que produzi, pensei nos mínimos detalhes, fazendo uma elaboração atenta das fotos, desde a pré-produção – escolha de cenários, roupas e maquiagem – até a pós-produção – a edição das fotos. O meu trabalho se mostra assim muito mais do que apenas o fazer fotográfico e

O primeiro passo foi a leitura do texto, com a marcação de cenas específicas, ou passagens do texto que me interessavam para a criação das fotos, e que poderiam me ajudar mais tarde também na escrita do trabalho (Figuras 20 e 21). Ao mesmo tempo, faço anotações em um pequeno caderno que uso para anotar ideias, referências e orientações para minhas produções artísticas, para que possa refletir mais tarde no que fazer ou não (Figura 22).

Como já ressaltado, o importante aqui não é somente representar as cenas da peça, e sim trazer sua aura e ideia. A cena do afogamento não seria apenas a modelo – neste caso eu – na água “morta” e sim todo o envolvimento e relação da natureza e mulher, a conexão que temos com o mundo de fora, trabalhado na leitura de *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* de Clarissa Pintoka Estés.

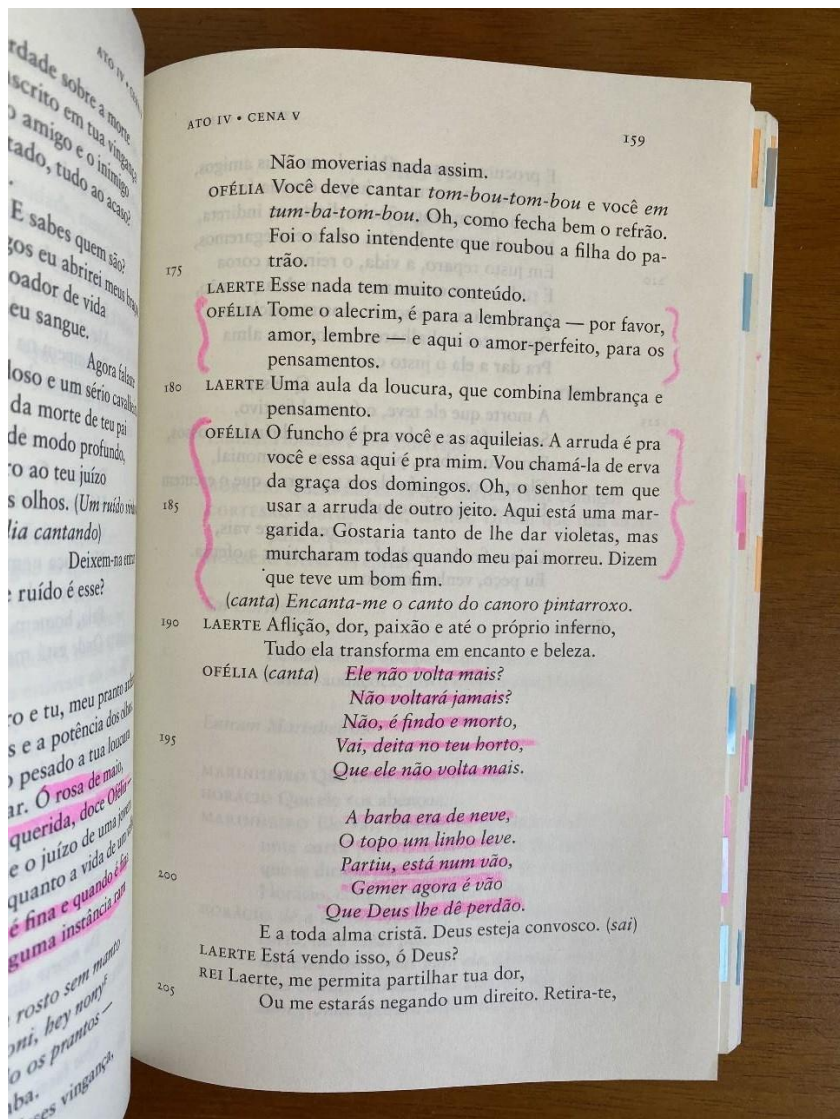


Figura 20. Maria Luiza Mendonça. Foto da página 159 do livro *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, 2022. Fotografia. Arquivo pessoal.

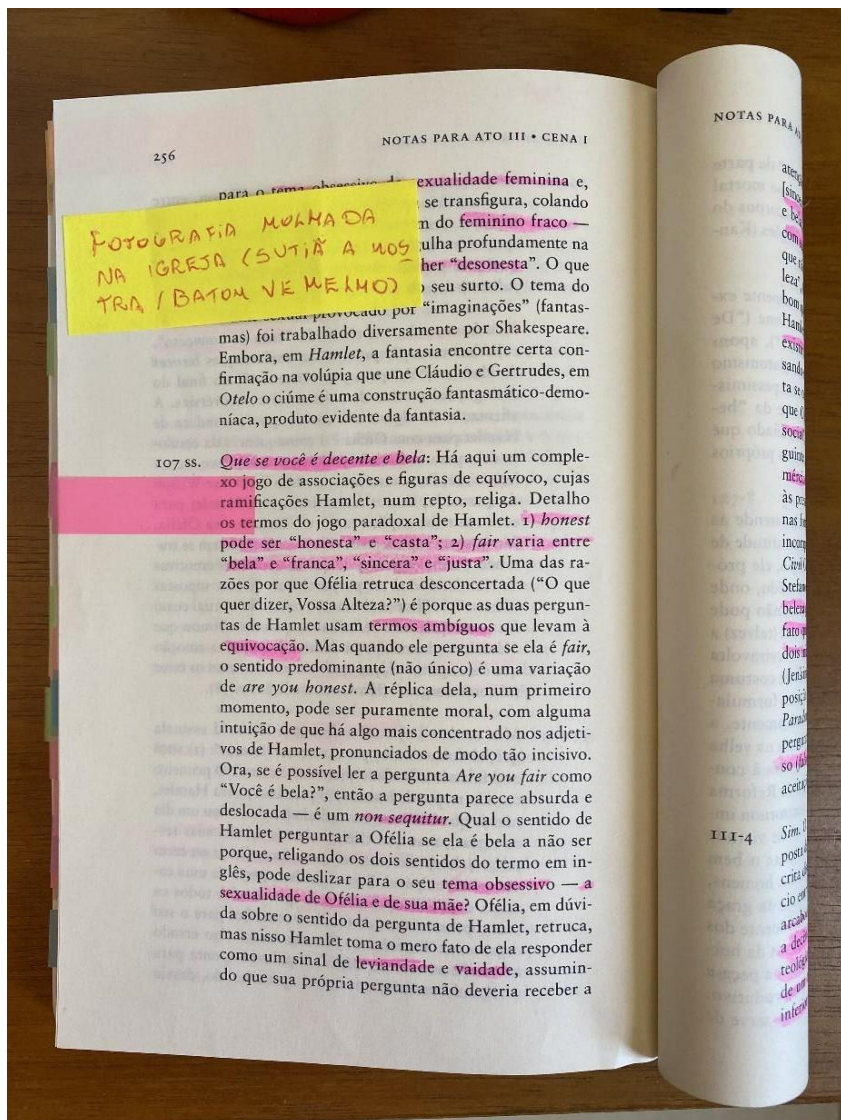


Figura 21. Maria Luiza Mendonça. Foto da página 256 do livro *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, 2022. Fotografia. Arquivo pessoal

“Todas nós temos anseio pelo que é selvagem. Existem poucos antídotos aceitos por nossa cultura para esse desejo ardente. Ensinarão-nos a ter vergonha desse tipo de aspiração. Deixamos crescer o cabelo e o usamos para esconder nossos sentimentos. No entanto, o espectro da Mulher Selvagem ainda nos espreita de dia e de noite. Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós tem decididamente quatro patas.” (ESTÉS, 2018, p. 13)

Assim, começo a organização da pré-produção fotográfica. Juntamente com as referências já pesquisadas durante o trabalho, no aplicativo *Pinterest* criei uma espécie de *moodboard* com várias ideias de figurinos, maquiagens, penteados e estética. Tudo isso sabendo que a pré-produção é apenas uma ideia do que quero do desenvolvimento e resultado, já que quando uma foto ou obra são realizadas, vários fatores podem comprometer na ideia inicial e o resultado. Ao mesmo tempo, eu escolho quais cenas serão feitas com cada figurino, local e ideia presente no caderno de anotações ou no próprio livro, para somente assim começar realmente a marcar os dias que irei fazer cada ensaio e ver o que precisarei providenciar para cada cena.

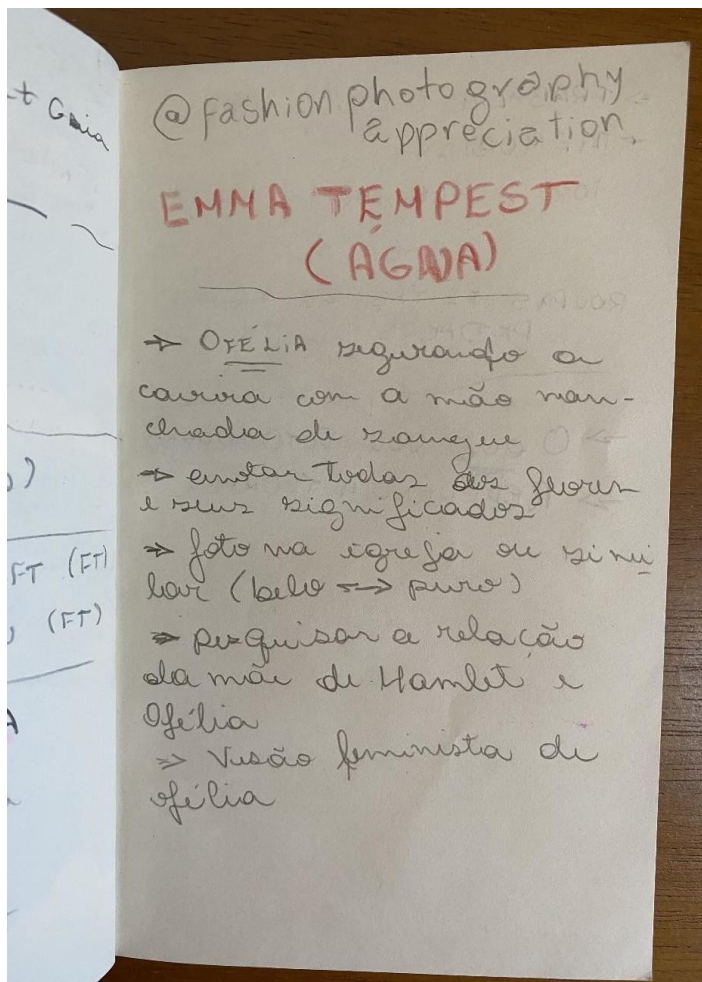


Figura 22. Maria Luiza Mendonça. Foto de página de caderno de anotações pessoais, 2022. Fotografia. Arquivo pessoal.

Quando começo a produzir realmente as fotos é quando percebo finalmente o que realmente é possível ou não fazer. Sempre que tenho uma ideia é necessário o entendimento de que ela é somente

isso: uma ideia, o que fez a tornar realidade são inúmeros fatores. A fotografia pode não sair exatamente da maneira que minha mente imaginou e isso aconteceu em alguns momentos durante a feitura desse projeto. Os problemas enfrentados no caminho foram diversos como ajudantes nos bastidores, clima, figurino e até mesmo locais indisponíveis, mas é importante para mim como artista saber trabalhar com o que tinha disponível e situações que não foram cem por cento ideais para fotografar e ao mesmo tempo servir de modelo – o que acaba mudando muito os resultados esperados, já que é necessário saber dirigir a cena e ao mesmo tempo posar.

Após todas as fotografias serem feitas, tive como resultado mais de 200 fotografias para escolher as que viriam fazer parte realmente da série. A escolha não foi feita somente seguindo a ideia de “quais deram certo” e sim separando as favoritas, tendo elas pequenos defeitos ou não, e depois passando pela pós-produção. Usei o programa *Adobe Photoshop Lightroom*, que é o que possuo mais familiaridade, para editar as fotos, corrigindo saturação, exposição, contraste e cores das fotos. Não é de minha característica artística retocar muito as fotos em questão de defeitos ou suavidade e textura de pele, preferindo apenas modificar detalhes de cor e iluminação, no máximo usando algum efeito para criar uma ideia. Para que assim, eu possa escolher as que realmente fazem parte do ensaio.

Por fim, é o momento em que analiso a fotografia em si e as frases do livro e trechos de músicas que já particularmente me atraíam e que eu achava que iriam se tornar bons títulos das imagens. Assim, começo a traçar uma relação entre elas e finalmente nomeio as fotos, finalizando assim a parte de produção fotográfica.

Ato V

CENA I



primeiro ensaio da série “Perene” consiste em novamente usar a caixa d’água e as flores retiradas de meu próprio jardim e utilizando algumas poucas unidades de flores falsas também (Figuras 23, 24, 25,26). Em *Are you honest? ... Are you fair? ...* (Figura 23) trago uma frase da chamada Cena do Convento, onde Hamlet dúvida da decência de Ofélia e por conta disto, de sua beleza e franqueza, utilizando a palavra *fair*. Pereira, nos traz uma análise de como a fala de Hamlet deixa Ofélia desconcertada na cena pelo uso de termos ambíguos que formam “um jogo de associações e figuras de equívoco, cujas ramificações Hamlet, num repto, religa.” (PEREIRA, 2021, p. 256). Ofélia – eu – está no meio da pura água e suas flores no leito de morte. Na escolha do figurino, fiz questão de usar um *body* para remeter a algo mais sensual e longe da castidade, além de todo o figurino ser bordado com flores para remeter a associação da personagem e a natureza.

“A palavra inglesa ‘*fair*’ é caracterizada por sua multidimensionalidade. Isto significa ‘justo’, bem como ‘bonito’. O antigo alto-alemão *fagar* também significa bonito. A palavra alemã ‘*fegen*’ [varrer] originalmente significava ‘tornar brilhante’. O duplo significado de ‘*fair*’ é uma indicação de que a beleza e a justiça originalmente derivam da mesma ideia. A justiça é considerada bela. A justiça e a beleza têm uma especial ligação *sinestésica*. ” (HAN, 2018, p. 59, tradução nossa)

No Ato I, cena III, Polonius usa a metáfora de uma armadilha de pássaros para se referir às formas que Hamlet demonstra suas emoções à Ofélia, de modo que é uma armadilha para idiotas. *Springes to catch woodcocks* (Figura 24), Ofélia está usando roupas que não representam tanta ingenuidade, mas ainda caiu na armadilha de se apaixonar Hamlet, levando à sua ruína.

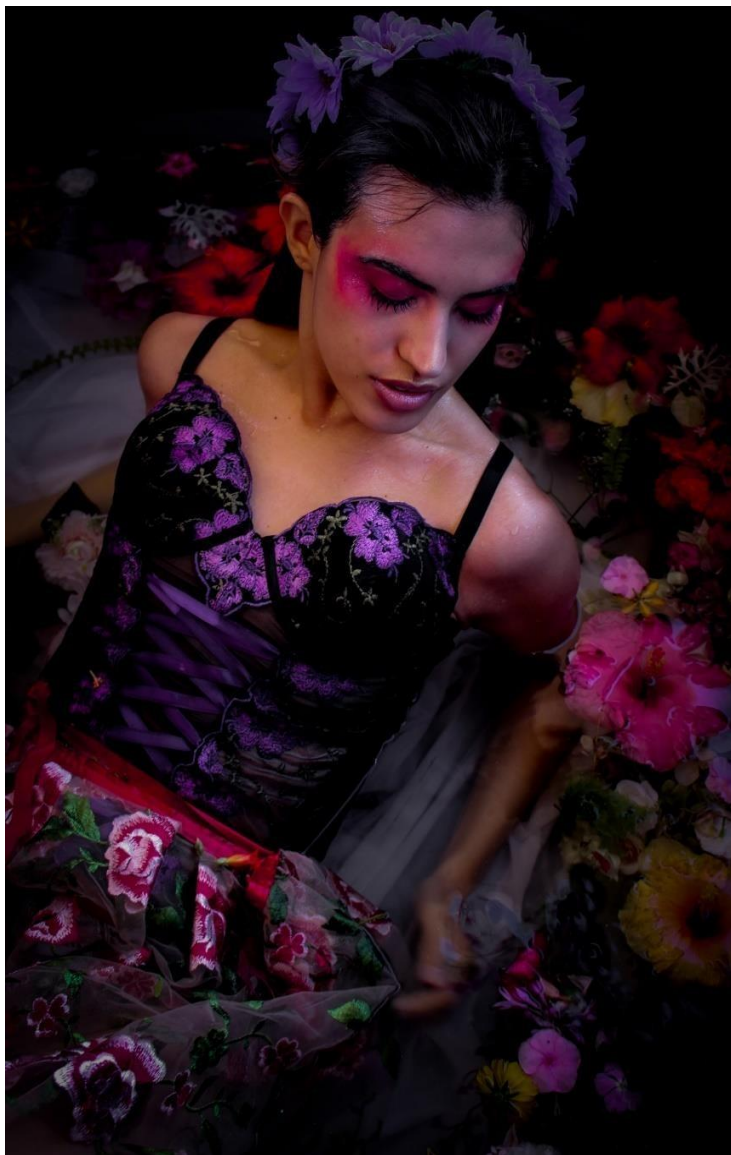


Figura 23. Maria Luiza Mendonça. *Are you honest? ... Are you fair? ...*, 2022.

Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

A frase do fantasma do pai de Hamlet “Lembra-te de mim!” (SHAKESPEARE, 1599-1601, ato I Cena V), e logo em seguida repetida pelo próprio protagonista, mostra a capacidade dramática e intensa que Hamlet tem de se lembrar tanto dos acontecimentos, talvez esse sendo o maior motivo de seus surtos, a sua incapacidade de se lembrar. Ofélia possivelmente se casaria com Hamlet se não fosse por toda a loucura dos dois personagens entrando em seus caminhos, o ponto crucial da busca de vingança de Hamlet é a visita do fantasma de seu pai, antigo rei da Dinamarca. Remember me (Figura 25), é a junção de todos esses ocorrido.

Já o Ato III, cena I, nos traz um dos monólogos de Hamlet para Ofélia: *To die, to sleep –To sleep, perchance to dream* (Figura 26), na fotografia ela está morta no meio da natureza que a circunda. Durante sua fala, Hamlet reflete sobre a morte, como ela é a única que realmente poderia acabar com todas as angústias que só o estar vivo é possível de trazer.



Figura 24. Maria Luiza Mendonça. *Springs to catch woodcocks*, 2022. Fotografia.
(Perene) Arquivo pessoal.

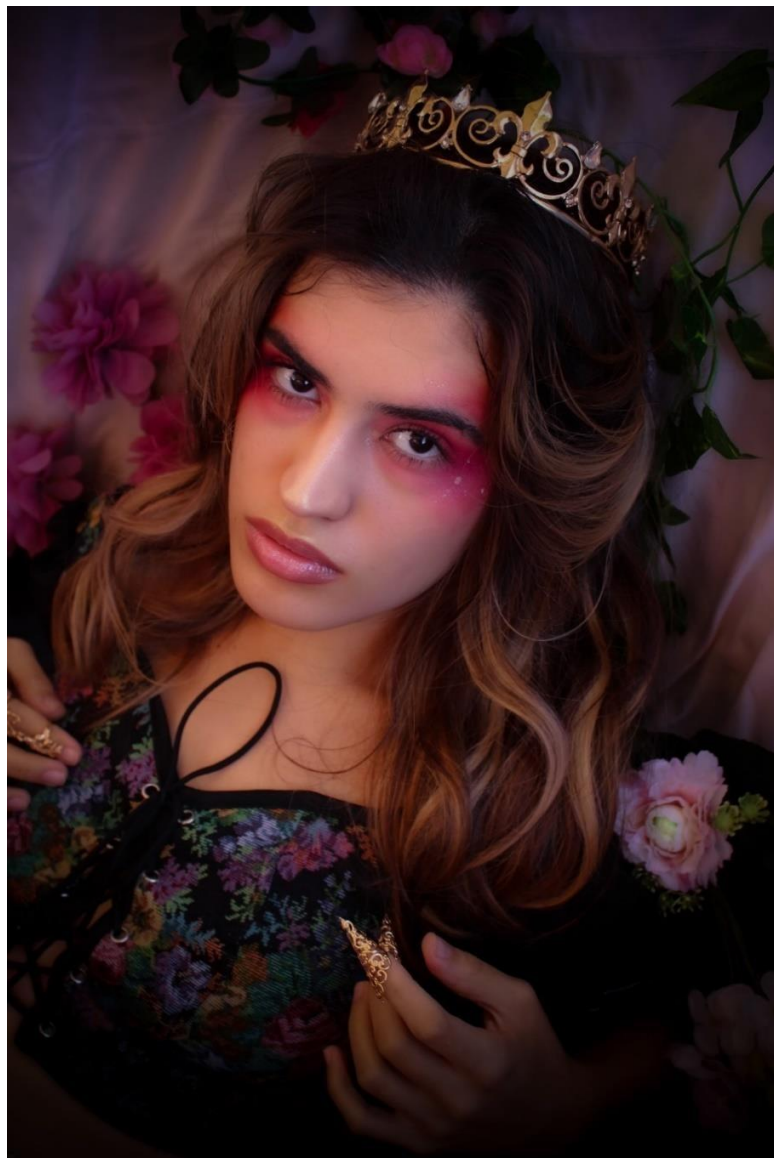


Figura 25. Maria Luiza Mendonça. *Remember me*, 2022. Fotografia. (Perene)
Arquivo pessoal.

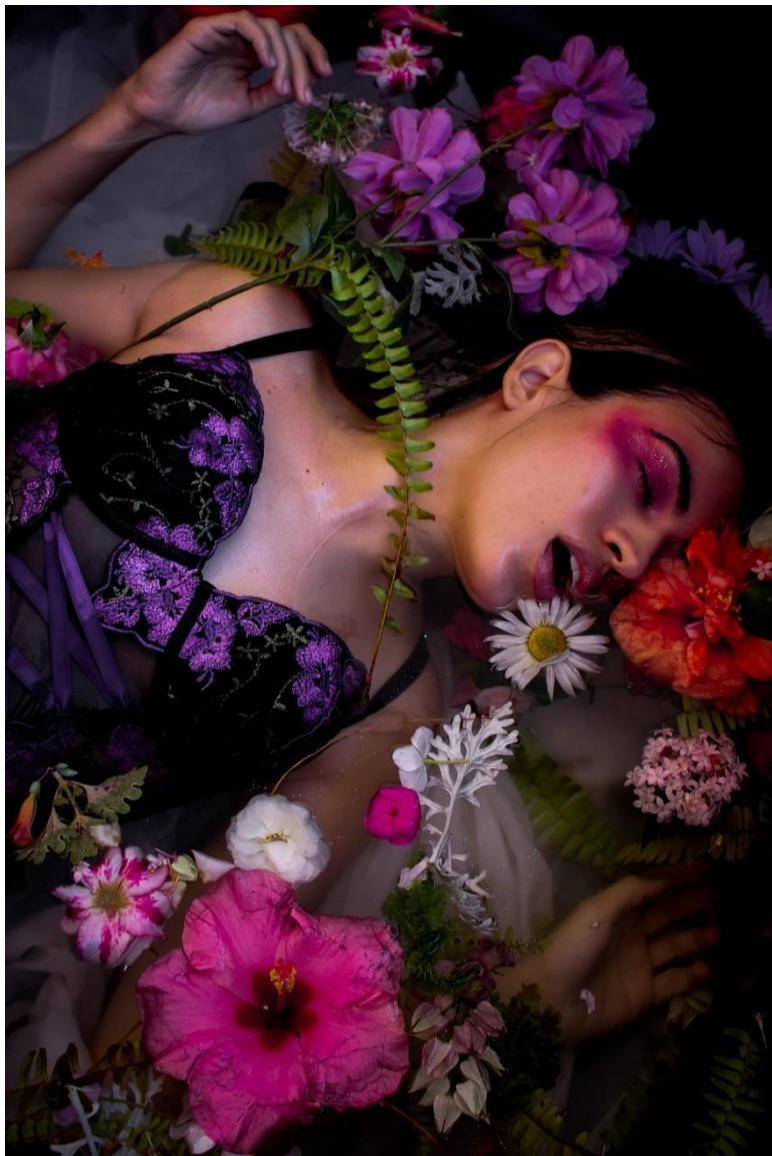


Figura 26. Maria Luiza Mendonça. *To die, to sleep - To sleep, perchance to dream*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

CENA II



Como segunda proposta de produção, viajei para Cidade de Goiás, GO, para fazer fotos realmente no meio da natureza, não era algo que havia planejado logo no início do projeto, mas eu sentia a necessidade de tirar fotos em um lago ou rio. Após sugestão da própria orientadora Doutora Rosa Berardo, visitei as cachoeiras do Balneário Poço do Sucuri. Ali poderia trabalhar mais livremente no que eu queria como efeito visual importante em algumas fotos: o movimento da água, o efeito dos tecidos e cabelos molhados, a relação e ligação direta com a natureza.

Where all the poets went to die (Figura 27) traz um trecho da música *the lakes* da cantora estadunidense Taylor Swift do álbum *folklore*, que como um todo me inspirou muito na hora de produção e imaginação do que queria passar com imagens e sentimentos. Na análise feita pelo site Genius, o local citado no trecho da música é o Lake Distric na Inglaterra, e faz uma alusão aos “Lake Poets” – William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e Robert Southey – que viveram ali e no caso de Wordsworth e Southey morreram no local.

As últimas palavras de Hamlet antes de morrer são “E o resto é só silêncio” (SHAKESPEARE, 1599-1602, ato V Cena II). Diversos

autores têm as mais diferentes análises sobre a mesma, Pereira (2015, p. 310), faz uma análise que Hamlet vê a ideia do descanso pós morte de uma forma um tanto quanto pessimista, o autor também diz que em uma análise puramente teológica, o personagem dificilmente seria encaminhado aos céus. Na Figura 28, temos uma cena de morte, mas no caso, é novamente de Ofélia, deitada em meio às pedras do rio e de olhos abertos encarando o espectador.

Na música *mad woman*, também do álbum *folklore* de Taylor Swift, a cantora conta a história de uma mulher que fica insana após injustiças feitas contra ela e o modo de como foi tratada por homens, diz que é vista como louca pelos outros, mas que tudo não passa da forma em que nós como sociedade vemos a mulher como louca quando ela reage a algo. É a tradução perfeita de algo que quero discutir nas minhas análises aqui: a forma da reação raivosa de uma mulher é vista como um ano de loucura. A frase “*Every time you call me crazy I get more crazy. What about that?*” – título da Figura 29 – mostra o quanto a mulher se cansa de ser chamada de louca, e que a cada momento vai ficar mais raivosa, e assim, mais ao olhos dos outros, louca. Já na Figura 30, a frase é uma lamentação que diz “uma pena que ela se tornou louca”. Ambas trazem a personagem no lago que em breve a mata.



Figura 27. Maria Luiza Mendonça. *Where all the poets went to die*, 2022.

Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

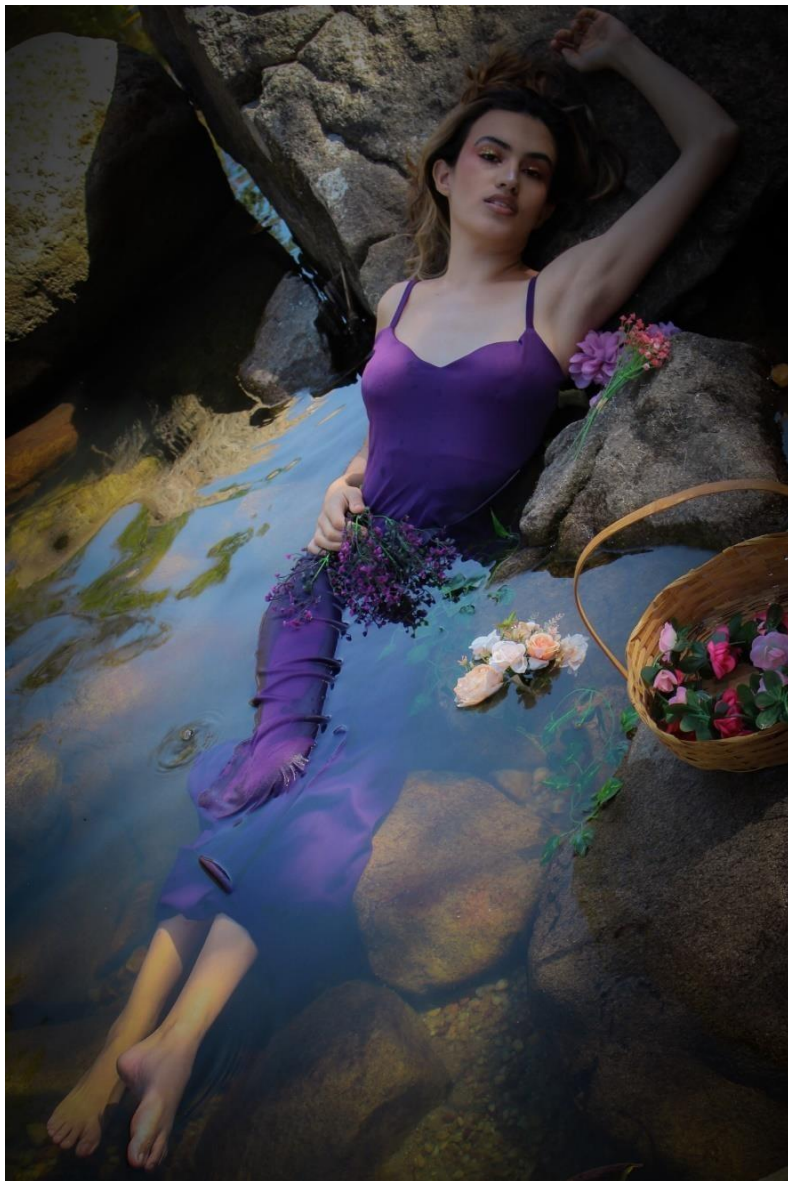


Figura 28. Maria Luiza Mendonça. *The rest, is silence*, 2022. Fotografia. (Perene)
Arquivo pessoal.

“Como alguém insensível à própria agonia ou como um ente nato e de todo integrado” (SHAKESPEARE, 1599-1602, ato IV Cena VII) tradução do título da Figura 31, é um pedaço da fala da Rainha, quando a mesma descreve sobre a morte de Ofélia, encontrada morta em meio ao riacho e suas flores colhidas. Ofélia ainda está viva na imagem da fotografia, caminhando entre as águas do rio antes de sua morte. É fato que Shakespeare não escolheu o riacho como local de morte de Ofélia apenas por motivos dramáticos, Pereira (2015, p. 295) explica que quando Laerte cita as águas que Ofélia está fazendo relação à “[...] literatura bucólica e ovidiana, o elemento líquido das fontes primevas traduz os anseios do retorno a um estado elementar que corresponde ao do ser intocado pela sexualidade inquietante.”

Quando Laerte tenta convencer sua irmã a terminar seus flertes com Hamlet no Ato I, cena III, ele descreve o amor de Hamlet como doce e intenso, mas que não irá durar muito (SHAKESPEARE, 1599-1602, ato I Cena III), o que de fato estava certo. Mas na Figura 32, Ofélia não está indo para o rio em rumo à sua morte, muito pelo contrário, ela segue em direção às margens, se arrastando em busca da liberdade.

Na Figura 33, temos uma frase de mais uma canção que inspira a produção deste trabalho: a música *Ophelia* da banda The Lumineers. Se traduzindo como “você está na minha mente desde a enchente” o autor nos traz uma *Ophelia* encantadora e apaixonante, assim como a mesma é descrita antes de enlouquecer na peça de Shakespeare.



Figura 29. Maria Luiza Mendonça. *Every time you call me crazy I get more crazy. What about that?*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 30. Maria Luiza Mendonça. *What a shame she went mad*, 2022. Fotografia.

(Perene) Arquivo pessoal.



Figura 31. Maria Luiza Mendonça. *As one incapable of her own distress, or like a creature native and indued*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 32. Maria Luiza Mendonça. *Forward, not permanent, sweet, not lasting*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 33. Maria Luiza Mendonça. *You've been on my mind (since the flood)*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

CENA III



inda na Cidade de Goiás, GO, visitei algumas igrejas com o objetivo de produzir imagens com o tema específico da Cena do Convento. Após chegar nos locais, as ideias que tive de produção não se mostraram viáveis. Um dos jardins da Igreja que queria fotografar estava fechado, e não me senti confortável em jogar água em mim por questões de praticidade para tirar fotos depois ou entrar com roupas "promíscuas" em um ambiente sagrado para mim e tantos outros. Desta forma, resolvi modificar minhas ideias iniciais e ver o que eu poderia fazer com o que eu tinha disponível.

Nymph, in thy orisons. Be all my sins remembered (Figura 34) menciona a cena em que Hamlet pede para Ofélia rezar pelos seus pecados, mesmo que diante vários críticos essa fala seja vista como irônica (PEREIRA, 2015, p. 255), me coloco aqui como uma Ofélia delicada e intocada, rezando por seu amado no confessionário da Igreja.

Ofélia é ingênua em acreditar no amor pleno de Hamlet, em *Heaven help a fool who falls in love* (Figura 35), apresentou a personagem com suas flores em frente ao Santuário Nossa Senhora do Rosário. A frase foi retirada mais uma vez da música *Ophelia* da banda The Lumineers. É importante ressaltar que a imagem da porta

da Igreja, a mãe de Jesus está sendo coroada e Santificada enquanto logo abaixo temos Ofélia que encara o espectador profundamente já com uma coroa de flores em sua cabeça.



Figura 34. Maria Luiza Mendonça. *Nymph, in thy orisons. Be all my sins remembered*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 35. Maria Luiza Mendonça. *Heaven help a fool who falls in love*, 2022.

Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

Ainda retirando trechos de músicas para títulos de obras, volta mais uma vez à música *the lakes* de Swift, desta vez trazendo o senso de não pertencimento da narradora e de seu amante (Figura 36). Aqui, Ofélia colhe flores em frente à Igreja, as coloca no cesto que também foi usado em outras cenas.

Ao entrar na segunda Igreja visitada, a primeira coisa que me chamou atenção foi um foco de luz que vinha da janela e iluminava um pequeno espaço entre os bancos, e quis aproveitar aquela oportunidade imperdível. “Vai para um convento. Quê! Preferes procriar pecadores? ” (SHAKESPEARE, 2015, p. 113) é a frase proferida por Hamlet escolhida para dar título à Figura 37, é direcionada à Ofélia durante o Ato III, Cena I, e o príncipe quer demonstrar o quanto acredita na imundice da alma de Ofélia, capaz de apenas dar luz à pecadores e por causa disso, deveria ir para um convento. Ofélia reflete na fotografia sobre suas escolhas.

Já na Figura 38, temos a ambiguidade poética da palavra “calamitoso” trazendo assim a possibilidade de o amor ser catastrófico por ser muito bom ou muito ruim, e a junção com o luto que nunca acaba. A frase é novamente retirada da música *the lakes*.



Figura 36. Maria Luiza Mendonça. *I don't belong, and my beloved, neither do you*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 37. Maria Luiza Mendonça. *Get thee to a nunnery: why wouldst thou be a breeder of sinners*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 38. Maria Luiza Mendonça. *With my calamitous love and insurmountable grief*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

CENA IV



última proposta de foto também foi modificada na hora do fazer. A ideia inicial envolvia sangue falso, mas acabei preferindo não usar no final. As fotografias foram feitas no laboratório de fotografia da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás para um efeito de iluminação de estúdio.

Procurei também encontrar uma pessoa que me pudesse emprestar uma caveira para que eu fizesse alusão à icônica cena de Hamlet discursando com a mesma, porém não encontrei ninguém e ao procurar uma para comprar achei os preços muito altos. Embora não seja minha área de atuação, possuo uma certa facilidade com argila, então resolvi produzir eu mesma uma caveira em casa com o material dando acabamento com tinta. Como não possuo muita experiência, acabei fazendo um objeto bastante frágil que acabou se quebrando durante as fotografias, mas meu objetivo foi cumprido.

Quando se depara com o fantasma de seu pai, o mesmo afirma “Que se pode sorrir, sorrir e ser patife” (SHAKEPEARE, 1599-1602, ato I Cena V) ao se referir à traição de seu irmão e sua mulher, a frase se torna assim o título da Figura 39, em que desta vez, Ofélia se mostra mais voraz e intensa do que antes, lábios pintados de vermelho escuro

e tomando a coroa da realeza para si.

A Figura 40 traz uma fala de Polônio durante uma conversa com Hamlet, nela o pai de Ofélia admite para si mesmo que embora o jovem esteja fora de si, sua loucura ainda sim possui certo método. Trago a referência da cena famosa da peça quando Hamlet segura a caveira e faz seu monólogo mais à frente da história. Mas aqui, Ofélia suja a caveira de seu próprio batom, que lembra até mesmo sangue e a segura como Hamlet o faz na peça, mas com um olhar de soslaio.

Por fim, o ensaio termina com a fotografia – Figura 41 – de título “Ser ou não ser: eis a questão” (SHAKESPEARE, 1599-1602, ato III Cena I). A frase de grande impacto é proferida por Hamlet, mas aqui, Ofélia segura a caveira e faz a menção de beijá-la com bastante obscenidade, quebrando a visão de coitada, donzela e delicada que todos as colocam.

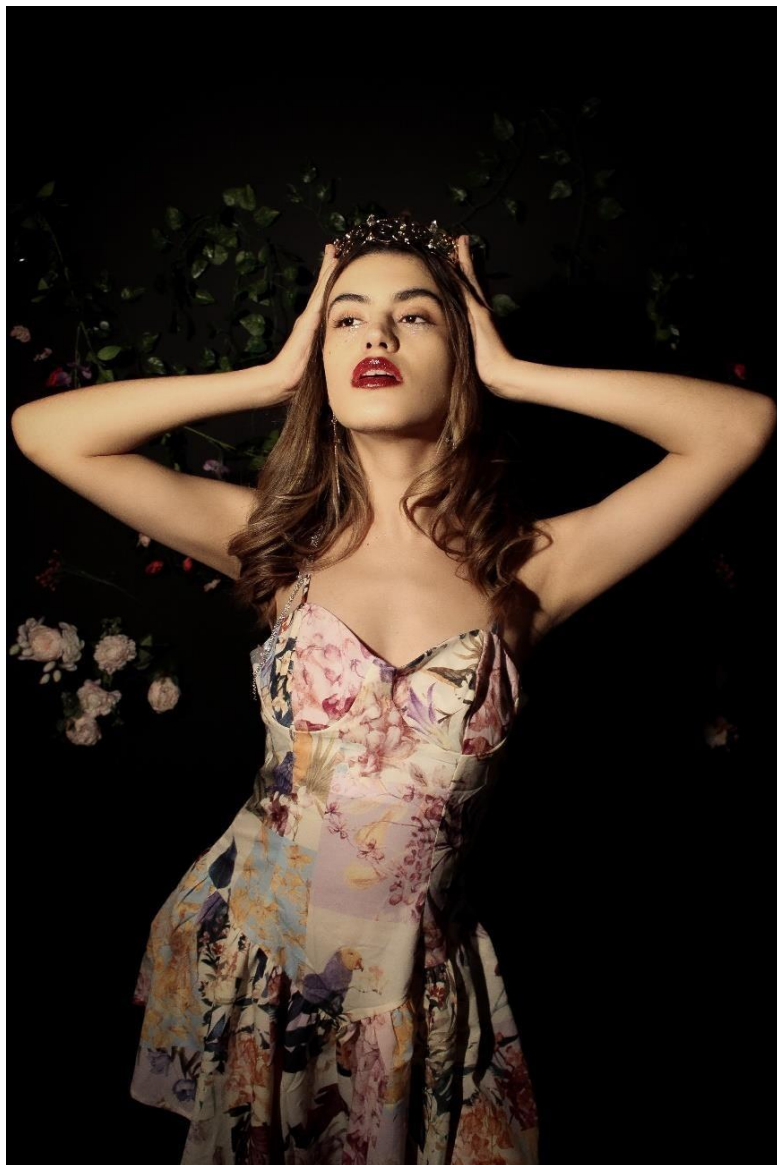


Figura 39. Maria Luiza Mendonça. *One may smile, and smile, and be a villain,* 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.



Figura 40. Maria Luiza Mendonça. *Though this be madness, yet there is method in't*, 2022. Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

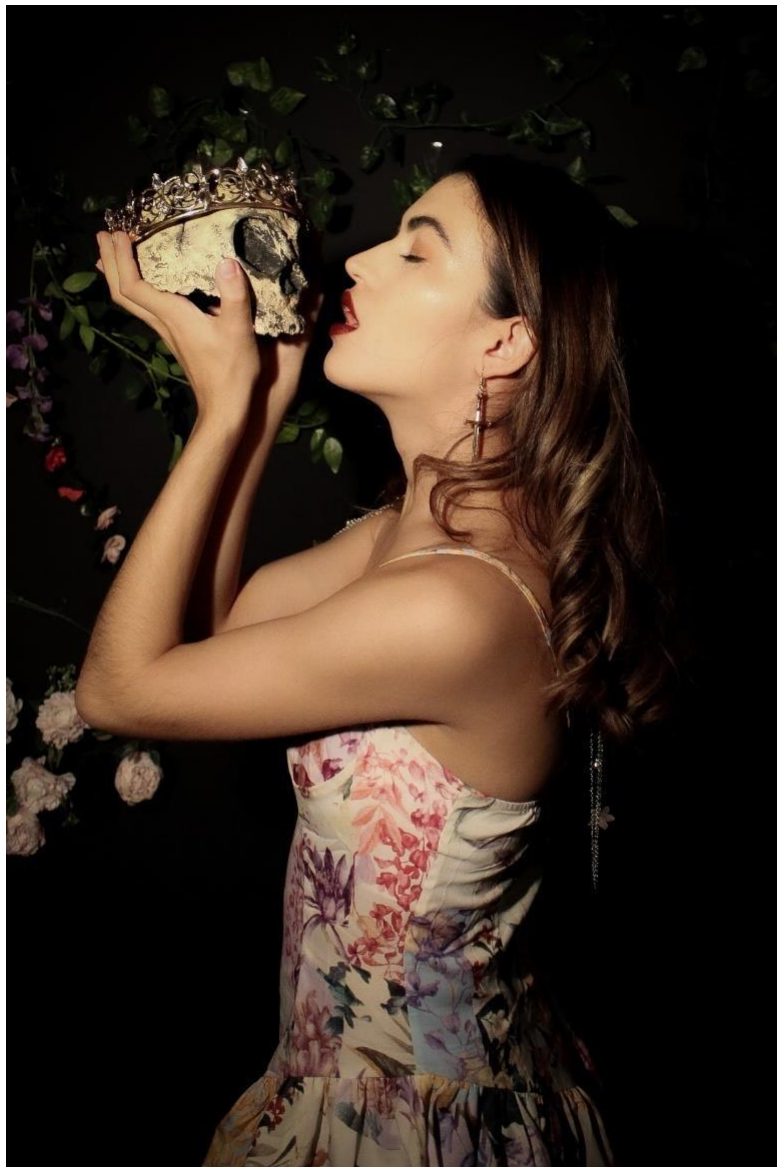


Figura 41. Maria Luiza Mendonça. *To be or not to be that is the question*, 2022.

Fotografia. (Perene) Arquivo pessoal.

CONCLUSÃO

Meu trabalho com a personagem Ofélia não termina com essa série fotográfica e muito menos com este trabalho escrito. Tenho como objetivo levar o projeto a diante na minha carreira. Acredito que meus aprendizados com essa série serão levados para outros trabalhos, mesmo que não diretamente ligados à personagem.

Descobri durante minha pesquisa eu a personagem Ofélia é extremamente rica em temáticas para abordagem, e não consegui durante esse projeto tudo que eu sentia ser possível. Acredito que ainda posso abrir várias portas da minha jornada artística com o que aprendi durante esses últimos meses pesquisando.

Fico feliz com o resultado deste projeto como escrita, mas principalmente quanto as fotografias que produzi e todo material teórico que pesquisei. Acredito que encontrei uma maneira correta de me expressar nas artes visuais e um novo caminho para seguir daqui para frente.

Após a faculdade vou retirar um tempo para focar em outros projetos de carreira, mas vou continuar a tirar fotos e pretendo no futuro voltar para à academia e estudar mais afundo os temas que apresentei neste texto.

REFERÊNCIAS

Teóricas:

ATWOOD, Margaret. **Ophelia has a lot to answer for**. Palestra. Disponível em: <<https://www.talkingpeople.net/tp/literature/atwood/ophelia.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pintoka. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Saving Beauty**. Tradução de Daniel Steuer. Cambridge: Polity Press, 2018.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de T.S. Eliot. 1ª edição. São Paulo: Penguin

Companhia das Letras, 2015.

CENTER FOR DIGITAL SCHORLARSHIP, EMORY UNIVERSITY. **Shakespeare & The Players**. © 2023. Disponível em: <<https://shakespeare.emory.edu/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

VIEIRA, Érika Viviane Costa. Resistindo à clausura: a iconografia de Ofélia. **Todas as Musas**. Ano 1, número 02, p. 81 – 98, janeiro – junho 2010.

Artísticas:

ANTONOFF, Jack; SWIFT, Taylor. the lakes. In: SWIFT, Taylor. **folklore**. Estados Unidos: Republic records, 2020. 1 CD, Faixa 17.

DESSNER, Aaron; SWIFT, Taylor. mad woman. In: SWIFT, Taylor. **folklore**. Estados Unidos: Republic Records, 2020. 1 CD, Faixa 12.

FRAITES, Jeremy; SCHULTZ, Wesley. Ophelia. In: The Lumineers. **Cleopatra**. Estados Unidos: Dualtone Records, 2016. 1 CD, Faixa 2.

GÓRECKA, Dorota. **Ophelia**. 2017. Fotografia.

GÓRECKA, Dorota. **red dress**. 2018. Fotografia.

HUGHES, Arthur. **Ophelia (“And will he not come again?”)** (second version). 1863-1871. Óleo sobre tela, 94,5 x 59,5 cm.

MELANCOLIA. Direção: Lars von Trier. Produção: Meta Louise Foldager e Louise Vesth. Zentropa. Dinamarca, Suécia, França, Alemanha: Entertainments Memphis Film, Slot Machine Liberator Productions Film i Väst, Danmarks Radio Arte France Cinéma, Sveriges Television Canal+, Centr national du cinéma et de l'image animée CinéCinéma, Edition Video Nordisk Film, Det Danske Filminstitut Eurimages, Swedish Film Institute Filmstiftung Nordrhein-Westfalen, 2011.

MILLAIS, John Everett. **Ophelia**. 1851-1852. Óleo sobre tela, 76,2 x 111,8 cm.

MIRABILIA, Mira Mirabilia. **Cemetery of forgotten ships**. 2016. Fotografia.

NEDYALKOVA, Mira. **Sem Título**. Data não especificada. Fotografia. (Underwater).

OPHELIA. Direção: Claire McCarthy. Produção: Ehren Kruger,

Daniel Bobker, Sarah Curtis, Paul Hanson. Estados Unidos: Bobker/Kruger Bert Marcus Film Fourcoming Films, 2018.

RAE, Henrietta. **Ophelia**. 1890. Óleo sobre tela, 171,5 x 230,5 cm.

STAR WARS: EPISÓDIO III - A VINGANÇA DOS SITH.

Direção:

George Lucas. Produção: Rick McCallum. Estados Unidos: Lucasfilm, 2005.

STECK, Paul Albert. **Ophelia**. 1894. Dimensões e técnicas não conhecidas.

TAYLOR SWIFT – THE LAKES | GENIUS LYRICS. **Genius**.

Disponível em: <https://genius.com/20515659>. Acesso em: 15 set 2020.

TEMPEST, Emma. **Sem Título**. 2018. Fotografia. (Elari's Wake).

TEMPEST, Emma. **Sem Título**. 2019. Fotografia (Entre Luces Y Sombras).

TEMPEST, Emma. **Sem Título**. 2020. Fotografia. (In My Dreams).

TRAN, Viet Ha. **Take me to your dreams Ophelia III**, 2020.
Fotografia.

WEST, Benjamin. **Hamlet: Act IV, Scene V (Ophelia Before the King and Queen)**. 1792. Óleo sobre tela, 276,9 x 387,4.

“Adeus, adeus, adeus, lembra-te de mim”

(SHAKESPEARE)